



Culturas

Onde está o Wally?

Política e prazer no regresso de Paulo Ribeiro à Companhia Nacional de Bailado

TEXTO CLAUDIA GALHÓS

Quando os filhos eram crianças, Paulo Ribeiro entretinha-se com eles debruçados sobre um dos livros de ilustração de Martin Handford, “Onde Está o Wally?”. A lembrança surge-lhe agora quando reflete sobre a peça que está a criar para a Companhia Nacional de Bailado (CNB). “Le Chef d’Orchestre” é uma dança de puro movimento abstrato, ao som de Shostakovich, para 20 bailarinos. É também o regresso do coreógrafo à companhia cuja direção artística deixou em julho de 2018.

“Le Chef d’Orchestre” tem uma história antiga, ainda que não chegue tão longe quanto a infância dos filhos de Paulo. Começou em 2015 com “A Festa (da insignificância)”, com a qual celebrou 20 anos da sua Companhia Paulo Ribeiro e que foi

apresentada no Théâtre National de Chaillot, em Paris, da qual era coprodutor. O passo seguinte seria assumir a direção da CNB e, sabendo disso, o diretor de Chaillot, Didier Deschamps, lançar-lhe o desafio: coproduzir uma criação de Paulo Ribeiro para o elenco da CNB. Esta coprodução ficou prevista ainda durante a vigência da sua direção artística. A apresentação em Paris só acontecerá em 2020. A estreia mundial na CNB acontece esta semana.

A ideia de partida do coreógrafo foi o fascínio pelo papel do maestro, “como, com os gestos amplos e que parecem ser sempre os mesmos, consegue dirigir orquestras”, diz o criador ao Expresso. Elogia a imensa “subtileza e minúcia” da sua expressão, espantosamente

capaz de “transmitir entusiasmo e musicalidade”. E decidiu começar por aí: escolheu uma música — o 3º movimento da “8ª Sinfonia”, de Shostakovich — e um maestro — Miquel Bernat — que pudesse transmitir aos bailarinos a partitura dos seus movimentos. A diferença, neste caso, é que os instrumentos são os corpos. Há cerca de cinco minutos do espetáculo em que os 20 bailarinos dançam os gestos de um maestro que dirige uma composição de Shostakovich, mas essa partitura inicial rompe e irradia em muitas outras direções: tem expressão nas pernas, no tronco, na cabeça, porque Paulo partiu daí também para desenvolver e continuar a compor movimento. A música também ganhou outras camadas, com a introdução do “Quarteto de Cordas nº 8” do compositor russo, que já havia usado em 1992 na criação que fez para o Nederlands Dans Theater, “Waiting for Volúpia”, embora de forma distinta. E tem um toque inesperado de Alt-J a fechar.

“Le Chef d’Orchestre” é uma peça essencialmente rítmica. Parte da ideia do maestro como o líder das boas causas, que produz beleza sonora, que aqui se torna física. Foi nesse sentido que Paulo foi coreografando, “quase num ritual, uma sagração do corpo, com as suas múltiplas potencialidades, densidades, a sua ligação à terra. Para o final, quando fica celebratória, mais leve e mais lúdica, deixa de haver espaço para dançar”. A construção de um fulgor rítmico pode distrair da dimensão política que a peça também tem. “A dança que eles fazem é tão intensa que é distrativa, de prazer lúdico, agradável.” Mas para lá dessa imagem, “que será certamente festiva, com um certo humor e um otimismo luminoso”, há o sinal dos tempos que se insinua mesmo que não se dê por ele. “Há muito escondido, as cortinas vão-se fechando, e talvez uma dessas coisas que as cortinas fechem seja a memória.” É por aí que entra a lembrança da brincadeira de procurar numa ilustração, por entre uma multidão de gente desenhada, algo que se esconde estando mesmo à vista: onde está o Wally? ●

Teatro & Dança

“Le Chef d’Orchestre” é uma dança de puro movimento abstrato, ao som de Shostakovich, para 20 bailarinos (foto de ensaio)



LE CHEF D’ORCHESTRE

De Paulo Ribeiro / CNB

Teatro Camões, Lisboa,

de 14 a 17 de novembro